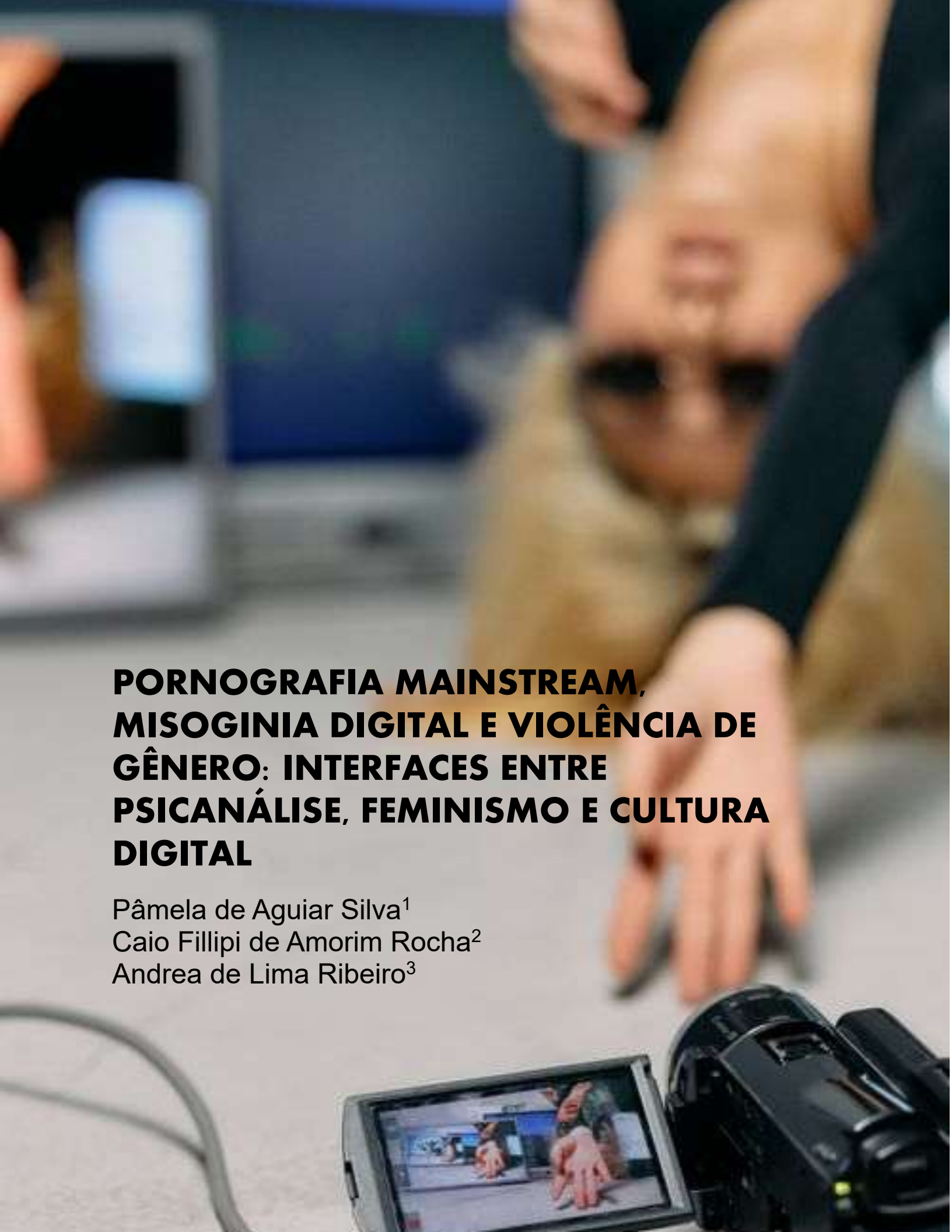

PORNOGRAFIA MAINSTREAM, MISOGINIA DIGITAL E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: INTERFACES ENTRE PSICANÁLISE, FEMINISMO E CULTURA DIGITAL

Pâmela de Aguiar Silva[1]
Caio Fillipi de Amorim Rocha[2]
Andrea de Lima Ribeiro[3]

RESUMO

O presente ensaio discute as conexões entre pornografia mainstream, patriarcado e misoginia digital, investigando como conteúdos pornográficos e comunidades masculinistas virtuais colaboram para a manutenção da violência simbólica e das desigualdades de gênero no contexto contemporâneo. Com base na articulação entre Psicanálise, teoria social e estudos de gênero, analisa-se a circulação de discursos misóginos, a objetificação das mulheres e a naturalização de relações de dominação no espaço digital. Também são abordados os impactos sociais, culturais e subjetivos desses processos, considerando a influência das plataformas online, dos algoritmos e das estruturas históricas de poder. Por fim, destaca-se a necessidade de estratégias interdisciplinares voltadas à reflexão crítica sobre mídia, gênero e violência na sociedade atual.

Palavras-chave: Pornografia mainstream; Misoginia digital; Psicanálise.

MAINSTREAM PORNOGRAPHY, DIGITAL MISOGYNY, AND GENDER VIOLENCE: INTERSECTIONS OF PSYCHOANALYSIS, FEMINISM, AND DIGITAL CULTURE

ABSTRACT

This essay discusses the connections between mainstream pornography, patriarchy, and digital misogyny, investigating how pornographic content and online masculinist communities contribute to the maintenance of symbolic violence and gender inequalities in contemporary society. Based on the articulation between Psychoanalysis, social theory, and gender studies, the essay analyzes the circulation of misogynistic discourses, the objectification of women, and the normalization of domination relations in digital spaces. It also addresses the social, cultural, and subjective impacts of these processes, considering the influence of online platforms, algorithms, and historical power structures. Finally, the study highlights the importance of interdisciplinary strategies aimed at promoting critical reflection on media, gender, and violence in current society.

Keywords: Mainstream pornography; Digital misogyny; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade, o gênero e as relações de poder constituem categorias analíticas fundamentais para a compreensão dos processos de subjetivação e das dinâmicas sociais que atravessam diferentes contextos históricos. Tais dimensões têm sido objeto de intensos debates no campo das ciências humanas e sociais, evidenciando a influência de fatores culturais, políticos e econômicos na produção de normas, identidades e formas de exercício do poder sobre os corpos e os desejos.

No contexto contemporâneo, marcado pela expansão das tecnologias digitais e pela crescente centralidade das plataformas online na circulação de informações, imagens e discursos, essas questões adquirem novas configurações. A ampla difusão da pornografia mainstream e o fortalecimento de comunidades masculinistas em ambientes virtuais têm suscitado discussões acerca dos modos pelos quais representações de gênero, sexualidade e relações de poder são produzidas, reproduzidas e legitimadas no espaço digital. Nesse cenário, diferentes estudos têm apontado para a recorrência de conteúdos que associam masculinidade à dominação, ao controle e à autoridade, bem como para a frequente representação da feminilidade em posições de subordinação, objetificação e disponibilidade sexual.

A análise desses fenômenos evidencia que a violência de gênero não se restringe às suas manifestações físicas ou explícitas, abrangendo também dimensões simbólicas, discursivas e culturais que contribuem para a naturalização de desigualdades historicamente constituídas. Sob essa perspectiva, as plataformas digitais podem ser compreendidas como espaços de circulação e amplificação de discursos que, em determinadas circunstâncias, reforçam hierarquias de gênero já presentes na estrutura social. Além disso, a lógica algorítmica que orienta a distribuição de conteúdos em ambientes digitais favorece a visibilidade e a disseminação de materiais capazes de gerar elevados índices de engajamento, ampliando o alcance de determinadas representações e discursos.

A compreensão dessas dinâmicas demanda abordagens analíticas que transcendam interpretações exclusivamente morais ou jurídico-normativas, incorporando a investigação dos processos sociais, culturais e psíquicos envolvidos na constituição

das relações de gênero e das formas contemporâneas de subjetivação. Nesse sentido, a articulação entre a Psicanálise, os estudos de gênero e a teoria social oferece um referencial teórico relevante para examinar os modos pelos quais desejo, identificação, poder e normas sociais participam da construção das experiências subjetivas relacionadas à sexualidade e às identidades de gênero.

A partir dessa perspectiva interdisciplinar, torna-se possível investigar de que maneira conteúdos pornográficos e discursos produzidos em comunidades masculinistas online podem contribuir para a reprodução de padrões de objetificação feminina, para a manutenção de desigualdades de gênero e para a legitimação de formas de violência simbólica. Tal análise permite compreender não apenas os mecanismos socioculturais envolvidos na circulação desses discursos, mas também os processos subjetivos que favorecem sua adesão, reprodução e permanência no contexto contemporâneo.

Diante dessas considerações, o presente estudo tem como objetivo analisar as relações entre pornografia mainstream, patriarcado e misoginia digital, buscando compreender de que modo conteúdos pornográficos e comunidades masculinistas online participam da produção e reprodução de representações de gênero associadas à objetificação feminina, à manutenção de assimetrias de poder e à perpetuação de desigualdades historicamente constituídas. Pretende-se, ainda, examinar os fatores históricos, culturais e subjetivos que sustentam essas dinâmicas e contribuem para sua persistência no ambiente digital contemporâneo.

Metodologicamente, trata-se de um ensaio teórico de abordagem qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica narrativa e na interlocução entre contribuições da Psicanálise, dos estudos feministas e da teoria social contemporânea. A proposta consiste em desenvolver uma análise crítica acerca dos processos de produção, circulação e legitimação de discursos relacionados à sexualidade, ao gênero e ao poder no contexto digital, com especial atenção às formas simbólicas de violência dirigidas às mulheres.



2 PORNOGRAFIA, PATRIARCADO E CONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Na era digital, a pornografia deixou de ocupar espaços restritos para assumir posição central na cultura online contemporânea. Além de movimentar bilhões de dólares anualmente, essa indústria participa da produção e circulação de discursos sobre sexualidade, gênero e relações de poder. A magnitude desse mercado pode ser observada por meio de indicadores econômicos e de alcance social. Estima-se que a indústria pornográfica movimente cerca de 15 bilhões de dólares por ano. Apenas em 2018, o site PornHub registrou 33,5 bilhões de acessos, com média de 92 milhões de visitas diárias (BEEBOM, 2018). No Brasil, levantamento realizado pela Quantas Pesquisas e Estudos de Mercado, a pedido do canal Sexy Hot, apontou que aproximadamente 22 milhões de pessoas consomem pornografia, sendo 76% desse público composto por homens (MURARO, 2020).

A expansão desse mercado ocorreu paralelamente ao desenvolvimento das plataformas digitais e à popularização dos dispositivos móveis. Segundo dados do PornHub, em 2008 apenas 1% dos acessos ao site era realizado por smartphones; em 2017, esse percentual alcançou 75% (PORNHUB INSIGHTS, 2017). A facilidade de acesso, a privacidade e a disponibilidade contínua desses conteúdos contribuíram para a ampliação do consumo e para o contato cada vez mais precoce com materiais pornográficos. Pesquisas recentes indicam que a exposição frequente à pornografia durante a adolescência pode influenciar a construção de expectativas sobre sexualidade, relacionamentos afetivos e papéis de gênero, além de estar associada à reprodução de atitudes sexistas e à normalização de determinados comportamentos sexuais (PATHMENDRA et al., 2023; FEIJÓO; PORTELA; RIAL, 2025).

A compreensão da pornografia como fenômeno social e cultural exige considerar sua inserção nas estruturas patriarcais que organizam historicamente as relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, autoras feministas como Andrea Dworkin e Adrienne Rich oferecem contribuições decisivas para a análise crítica da sexualidade como campo atravessado por relações de poder. A crítica feminista demonstra que as relações entre os sexos não se organizam apenas na esfera privada, mas constituem também formas historicamente produzidas de dominação social. Nessa direção, pode-se compreender

que a sexualidade feminina foi regulada por normas que reforçam assimetrias de poder e legitimam práticas de subordinação.

Essa leitura torna-se ainda mais contundente quando se observa a forma como a pornografia mainstream frequentemente representa os corpos femininos e as relações sexuais. Em muitas de suas produções, a mulher aparece reduzida à condição de objeto de satisfação masculina, enquanto a violência, a submissão e a desigualdade são erotizadas como se fossem componentes naturais do desejo. Nesse sentido, Dworkin (1981) evidencia como, no universo pornográfico, a própria noção de violação é reorganizada simbolicamente, de modo que a violência sexual deixa de ser compreendida como transgressão da vontade feminina e passa a ser reinterpretada como expressão dessa vontade, afirmando que:

> Nesse contexto, o estupro ou a agressão física não podem existir como violações da vontade feminina, porque são percebidos como expressões dessa vontade. É por meio da celebração da força — supostamente a sua própria celebração — que o estupro se torna apenas um sexo de melhor qualidade e a agressão física se transforma em excelente preliminar. DWORKIN (1981, p. 166)

Essa formulação evidencia como determinadas representações pornográficas operam uma ressignificação da violência sexual, convertendo-a em elemento constitutivo do erotismo e naturalizando relações de poder marcadas pela subordinação das mulheres. Assim, a pornografia pode ser entendida não apenas como produto cultural, mas também como tecnologia de reprodução de hierarquias de gênero.

Além disso, a crítica feminista aponta que a sexualidade heteronormativa foi historicamente instituída como padrão obrigatório de organização dos vínculos sociais e afetivos. Rich (1980) analisa esse processo ao propor o conceito de heterossexualidade compulsória, compreendendo-o como um regime político e cultural que limita a autonomia das mulheres e organiza os desejos segundo interesses patriarcais. Sob essa perspectiva, a pornografia mainstream frequentemente reforça uma lógica em que o desejo masculino ocupa posição central, enquanto o feminino aparece subordinado, disponível e funcional à satisfação do outro.

Paralelamente, a indústria pornográfica insere-se em dinâmicas capitalistas que transformam a sexualidade em mercadoria. Embora frequentemente seja apresentada como expressão da liberdade sexual e das fantasias individuais, parte de suas narrativas é estruturada em torno da erotização da violência, da submissão feminina e de relações de poder assimétricas. Em muitos casos, tais conteúdos reproduzem concepções que relativizam o consentimento feminino, difundindo narrativas nas quais a recusa é interpretada como desejo implícito. A repetição dessas representações pode contribuir para a naturalização de crenças e práticas que reforçam desigualdades de gênero, especialmente entre jovens em processo de formação subjetiva e social.

Soma-se a isso o fato de que a produção pornográfica envolve corpos reais e relações concretas de trabalho, o que suscita debates acerca de exploração econômica, vulnerabilidade social e violações de direitos em determinados segmentos da indústria. Observa-se, portanto, que diversas produções pornográficas contemporâneas incorporam a violência contra as mulheres como elemento recorrente de suas narrativas sexuais. Práticas de dominação já presentes na realidade social são frequentemente ressignificadas como componentes eróticos, contribuindo para a banalização da submissão feminina e para a legitimação simbólica de relações desiguais de poder. Esse fenômeno articula-se a outras manifestações contemporâneas da misoginia, especialmente aquelas que emergem e se disseminam nos ambientes digitais.

3 MISOGINIA DIGITAL E COMUNIDADES MASCULINISTAS ONLINE

A misoginia digital constitui uma das manifestações contemporâneas mais expressivas da violência de gênero, ao reproduzir e ampliar desigualdades historicamente estruturadas pelo patriarcado. O ambiente virtual favorece a circulação de discursos hostis às mulheres por meio do anonimato, da rapidez na difusão das informações e das dinâmicas próprias das plataformas digitais, ampliando formas de violência simbólica e psicológica. Nesse contexto, o aumento dos crimes cibernéticos

contra mulheres evidencia a reprodução, em ambiente digital, de estruturas sexistas já presentes nas relações sociais (LIMA; GALVÃO; SITCOVSKY, 2025).

A dimensão desse fenômeno pode ser observada em dados recentes. Entre 2021 e 2022, os registros de discursos de ódio na internet cresceram 67,7%, enquanto as denúncias de misoginia online aumentaram 251% (SAFERNET BRASIL, 2023). Mulheres negras figuram entre os principais alvos dessas agressões, evidenciando a articulação entre sexismo, racismo e desigualdades sociais (AMARAL et al., 2024). Tais indicadores demonstram que a violência digital incide de forma mais intensa sobre grupos historicamente vulnerabilizados.

No interior desse cenário, destacam-se comunidades masculinistas online que organizam, compartilham e reforçam discursos antifeministas. Entre elas, ganham visibilidade os grupos conhecidos como Incels e Redpill. Os Incels - termo derivado de involuntary celibates - constituem comunidades formadas majoritariamente por homens que se autodefinem como incapazes de estabelecer relações afetivo-sexuais e que, com frequência, atribuem essa condição às mulheres e às transformações sociais associadas ao feminismo. Nesses espaços, frustração, ressentimento e sentimento de rejeição são frequentemente convertidos em discursos de hostilidade, culpabilização e desumanização do feminino.

Os grupos Redpill, por sua vez, difundem narrativas segundo as quais os homens precisariam despertar para uma suposta verdade sobre as relações entre os sexos. Inspirado na metáfora da "pílula vermelha", esse universo discursivo sustenta que os homens estariam sendo prejudicados pelas conquistas femininas e pela reconfiguração contemporânea dos papéis de gênero. Em geral, tais conteúdos promovem visões essencialistas sobre masculinidade e feminilidade, defendem hierarquias entre homens e mulheres e se articulam à rejeição das pautas feministas. Conforme demonstra Machado (2024), o discurso red pill integra a chamada machosfera e participa da produção de modelos de masculinidade baseados em controle, superioridade e antagonismo em relação às mulheres.

A chamada manosphere pode ser compreendida como um ecossistema digital mais amplo, no qual diferentes grupos masculinistas compartilham referências, afetos e formas de engajamento. Não se trata de espaços isolados, mas de redes discursivas que

reforçam valores misóginos, naturalizam desigualdades de gênero e produzem sentidos de pertencimento para sujeitos identificados com tais narrativas.

Ging (2017) observa que essas comunidades online se constituem historicamente a partir de uma reconfiguração dos movimentos de masculinidade, que passam por uma cisão entre vertentes pró e antifeministas, culminando na formação de um conjunto heterogêneo de agrupamentos ideologicamente divergentes. Nesse processo, o que se estabiliza na contemporaneidade é um campo fragmentado de discursos sobre masculinidade, reunidos sob uma lógica de rede. uma confederação frouxa de grupos de interesse (GING, 2017, p. 2–3) isto é, uma configuração informal de coletivos que, embora dispersos e heterogêneos, compartilham repertórios simbólicos, afetivos e discursivos comuns.

A relevância desse fenômeno torna-se ainda mais evidente quando se observa sua inserção na economia das plataformas. Estudo recente identificou ao menos 137 canais no YouTube dedicados à propagação de conteúdos misóginos, responsáveis por aproximadamente 3,9 bilhões de visualizações, dos quais cerca de 80% eram monetizados (SANTINI et al., 2024). Isso sugere que a misoginia digital não se restringe às interações sociais espontâneas, articulando-se também aos modelos econômicos das plataformas, cujos mecanismos algorítmicos tendem a favorecer conteúdos capazes de gerar maior engajamento, polarização e permanência do público.

Entretanto, a compreensão da misoginia digital não pode restringir-se às dimensões jurídicas, políticas ou sociológicas. A complexidade do fenômeno exige examinar também os processos subjetivos envolvidos na adesão a esses discursos. A hostilidade dirigida às mulheres pode funcionar, em certos casos, como forma precária de elaboração de frustrações narcísicas, sentimentos de impotência e demandas de reconhecimento. Por essa razão, a interlocução com a Psicanálise oferece elementos relevantes para compreender como desejo, ressentimento, identificação e poder se articulam na constituição de subjetividades marcadas pela violência simbólica contra o feminino.

4 PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: DESEJO, PULSÃO E RELAÇÕES DE PODER

A sexualidade constitui uma dimensão historicamente atravessada por normas sociais, mecanismos de regulação dos corpos e relações de poder. Na antiguidade greco-romana, as práticas eróticas organizavam-se segundo a oposição entre atividade e passividade, associando o exercício legítimo do prazer ao autocontrole e à manutenção da ordem moral. Nessa configuração, homens livres e adultos ocupavam a posição vinculada ao domínio, enquanto mulheres, jovens e escravizados eram relacionados à passividade. Essa interpretação é desenvolvida por Foucault (2005), ao demonstrar que o governo dos desejos articulava-se à preservação das hierarquias sociais.

Na contemporaneidade, marcada pela expansão das plataformas digitais e pela ampla circulação da pornografia mainstream, observam-se permanências dessas formas históricas de organização simbólica da sexualidade. Representações centradas na atividade masculina e na passividade feminina permanecem recorrentes em conteúdos pornográficos e em diferentes discursos sobre gênero e desejo.

Sob a perspectiva psicanalítica, a sexualidade constitui um dos principais modos de satisfação pulsional. A pulsão busca reduzir tensões psíquicas por meio de diferentes objetos e formas de investimento libidinal, não se restringindo à genitalidade ou à reprodução. A sexualidade humana caracteriza-se, portanto, pela multiplicidade de seus destinos e pela plasticidade de suas modalidades de satisfação (FREUD, 1905/2016).

> O narcisismo é o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, que se nos apresenta como justificável em certa medida" (FREUD, 1914/2010, p. 98)

Nesse contexto, o olhar ocupa posição relevante na constituição da experiência subjetiva. A pulsão escópica articula-se à dinâmica entre ver e ser visto, integrando fantasias e investimentos libidinais que participam da organização do desejo. Nessa direção, a percepção de si pode ser compreendida como etapa preliminar do narcisismo, relacionada à alternância entre atividade e passividade na constituição psíquica (BICHARA, 2006).

Também se observa que os chamados traços perversos integram a própria constituição da sexualidade, tornando-se clinicamente relevantes apenas quando ocorre fixação exclusiva em determinadas formas de satisfação (FREUD, 1905/2016). O narcisismo, por sua vez, corresponde ao investimento libidinal dirigido ao próprio sujeito, podendo desempenhar função estruturante na constituição psíquica ou assumir configurações que restringem o investimento em objetos externos (FREUD, 1914/2010).

As contribuições contemporâneas dos estudos de gênero e da teoria psicanalítica permitem problematizar concepções normativas da sexualidade historicamente associadas à centralidade da reprodução e da heterossexualidade. Os discursos sobre a sexualidade podem ser compreendidos como parte de dispositivos de poder que produzem regimes de verdade e critérios de normalidade (FOUCAULT, 2005). Nesse sentido, Foucault explicita que tais regimes não apenas regulam comportamentos, mas constituem o próprio campo no qual a sexualidade pode ser pensada e experienciada:

> O que está em jogo não é apenas o comportamento dos indivíduos, mas a forma como eles são levados a se reconhecer como sujeitos de desejo (FOUCAULT, 2005, p. 73).

Nessa mesma direção, Butler (2016) acrescenta que sexo, gênero e desejo são organizados por uma matriz normativa que pressupõe coerência entre corpo, identidade e orientação sexual, enquanto Rich (1980) analisa a heterossexualidade compulsória como instituição social e política vinculada à manutenção das relações de poder de gênero.

As contribuições contemporâneas dos estudos de gênero e da teoria psicanalítica permitem problematizar concepções normativas da sexualidade historicamente associadas à centralidade da reprodução e da heterossexualidade. Os discursos sobre a sexualidade podem ser compreendidos como parte de dispositivos de poder que produzem regimes de verdade e critérios de normalidade (FOUCAULT, 2005). Nessa mesma direção, Butler (2016) acrescenta que sexo, gênero e desejo são organizados por uma matriz normativa que pressupõe coerência entre corpo, identidade e orientação sexual, enquanto Rich (1980) analisa a heterossexualidade compulsória como instituição social e política vinculada à manutenção das relações de poder de gênero.

Essas formulações oferecem instrumentos teóricos para compreender fenômenos

contemporâneos como a pornografia mainstream e a misoginia digital. Mais do que expressões isoladas, tais fenômenos podem ser analisados como práticas inseridas em contextos históricos e culturais que participam da produção de representações sobre gênero, sexualidade e poder. A articulação entre Psicanálise, estudos de gênero e teoria social permite, assim, examinar os processos subjetivos e socioculturais envolvidos na reprodução de desigualdades e formas de violência simbólica na contemporaneidade digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões desenvolvidas ao longo deste estudo indicam que a pornografia mainstream e a misoginia digital podem ser compreendidas como fenômenos inseridos em contextos históricos, sociais e culturais que estruturam as relações de gênero. Nessa perspectiva, o ambiente digital não constitui a origem da violência de gênero, mas um espaço no qual determinadas práticas, discursos e representações adquirem novas formas de circulação, visibilidade e alcance, mediadas pelas plataformas digitais, pelos sistemas algorítmicos e pelas dinâmicas econômicas associadas ao engajamento.

A análise da pornografia contemporânea evidenciou a recorrência de representações marcadas pela objetificação feminina, pela erotização da submissão e pela assimetria nas relações de gênero. De forma complementar, a literatura examinada aponta que comunidades masculinistas digitais têm atuado na difusão de discursos antifeministas e misóginos, favorecendo processos de identificação coletiva e a circulação de concepções específicas sobre masculinidade e relações de gênero. Nesse contexto, pornografia mainstream e misoginia digital podem ser analisadas como fenômenos relacionados, inseridos em dinâmicas mais amplas de produção e reprodução de desigualdades de gênero.

A articulação entre Psicanálise, estudos de gênero e teoria social permitiu examinar esses fenômenos para além de suas manifestações observáveis, considerando também processos subjetivos relacionados às identificações, às formas de investimento libidinal e às relações de poder. As contribuições teóricas mobilizadas ao

longo do estudo indicam que sexualidade, gênero e desejo constituem experiências historicamente produzidas e atravessadas por dispositivos sociais, culturais e políticos. Sob essa perspectiva, a violência simbólica presente nos ambientes digitais pode ser compreendida em sua relação com processos socioculturais e subjetivos que participam da produção e manutenção de hierarquias de gênero.

Os resultados desta revisão sugerem a relevância de abordagens interdisciplinares para a análise da misoginia digital e das representações da sexualidade presentes na pornografia contemporânea. A complexidade desses fenômenos demanda investigações que articulem dimensões sociais, culturais, políticas e psíquicas, ampliando a compreensão dos mecanismos envolvidos na produção, circulação e legitimação de discursos e práticas relacionados às desigualdades de gênero.

Por fim, a análise desenvolvida permite compreender a pornografia mainstream e a misoginia digital como objetos relevantes para o estudo das relações entre sexualidade, subjetividade e poder na contemporaneidade. Nesse sentido, o diálogo entre Psicanálise, estudos de gênero e teoria social apresenta potencial para o aprofundamento das investigações sobre os processos históricos e subjetivos envolvidos na produção de discursos, representações e práticas relacionadas às desigualdades de gênero nos ambientes digitais.

[1] Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Limoeiro (FACAL). Email: pamelaaguiar232@gmail.com . ORCID: https://orcid.org/0009-0005-5210-7672

[2] Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Limoeiro (FACAL). Email: caio.fillipi2906@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0006-5566-7824

[3] Professora Orientadora, Docente do curso de bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Limoeiro (FACAL). Psicóloga CRP 02/19574, Especialista em Psicanálise, Especialista em ciências socias aplicadas, Psicanalista - ASP. Email: ribeiroandreaalr@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0005-5439-4863

REFERÊNCIAS

AMARAL, Inês et al. Misoginia, racismo e ódio online: jovens mulheres, resistência e reação. Coimbra: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Letras, 2024.

BEEBOM. PornHub Served Over 4,403 Petabytes of Porn in 2018. 2018. Disponível em: https://beebom.com/pornhub-report-2018/.

BICHARA, Tânia. A pulsão escópica e o olhar na constituição narcísica. 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DWORKIN, Andrea. Pornography: men possessing women. New York: Perigee Books, 1981.

FEIJÓO, Sandra; PORTELA, Vanessa; RIAL, Antonio. Online pornography consumption, risky behaviors, and sexist attitudes in adolescence: a cross-sectional survey study. Archives of Sexual Behavior, v. 54, p. 3223-3233, 2025.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao narcisismo. In: _____. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.

GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: theorizing the masculinities of the manosphere. Men and Masculinities, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019.

LIMA, Hélida Katharina de Sousa; GALVÃO, José Victor Tavares; SITCOVSKY, Rafaella Guimarães. Misoginia x crimes cibernéticos contra mulheres: breve reflexão jurídica e

sociológica. Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília, Brasília, v. 22, n. 1, p. 410-429, 2025.

MACHADO, Taísa. Calvo do Campari: o discurso red pill da machosfera na produção da masculinidade do macho. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

MURARO, C. 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. G1, [S. l.], 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml.

PATHMENDRA, P. et al. Exposure to pornography and adolescent sexual behavior: systematic review. Journal of Medical Internet Research, v. 25, 2023.

PORNHUB INSIGHTS. 2017 Year in Review. 2017. Disponível em: https://www.pornhub.com/insights/2017-year-in-review.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. Signs, Chicago, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.

SAFERNET BRASIL. Denúncias de crimes de discurso de ódio e de imagens de abuso sexual infantil na internet têm crescimento em 2022. 2023. Disponível em: https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-crimes-de-discurso-de-odio-e-de-imagens-de-abuso-sexual-infantil-na-internet.

SANTINI, R. Marie et al. "Aprenda a evitar 'esse tipo' de mulher": estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab - Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.